

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal de Espírito Santo

GT 01- Africanidades e Brasilidade em Literaturas

Escrevivências: notas sobre a poesia negra-brasileira em voz feminina.

Shirlei Campos Victorino♦

Sou negra ponto final
devolva-me a identidade
rasgue minha certidão
sou negra sem reticências
sem vírgulas e sem ausências
não quero mais meio-termo
sou negra balacobaco
sou negra noite cansaço
sou negra ponto final.
(Alzira Rufino)

As mulheres se fizeram ouvir, minando as concepções falocêntricas que as separavam do mundo dos homens. Desta forma, a dimensão ética do espaço mostrou que não houve bastidores da história e que elas tiveram que atuar na vida social, reinventando o seu cotidiano, criando formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista, percebendo que sujeito e objeto se estabelecem como resultados de práticas discursivas que devem ser postas à luz de uma análise consciente e desmistificadora de seus papéis sociais, tópicos norteadores de uma agenda feminista.

Tudo perfeito na "torre de marfim"¹ até que o olho feminino direciona/firma o seu *olhar* no/sobre o mundo, exigindo que se leve em consideração a sua *experiência* enquanto mulher e, precisamente, enquanto mulher negra, uma vez que o feminismo dos anos 60/70 partia do contexto de vivência de mulheres

♦Doutora em Letras (UFF). AVM Faculdades Integradas/Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo (CREFCON/SEMED) - shirleivictorino@ig.com.br .

¹ Utilizamos, aqui, a expressão de Linda Hutcheon que muito argutamente nos diz: "Os pensamentos negro e feminista nos demonstraram como é possível fazer com que a teoria saia da torre de marfim e entre no mundo maior da práxis social [...]". (1991, p. 35).

brancas e de classe média, não sendo alterada a polaridade hierárquica com as mulheres negras.

Apesar de se saber que a subordinação enfrentada pelos seres humanos, em todo o mundo, gira em torno da classe, do gênero e da raça, as críticas feministas privilegiaram (ainda privilegiam) muito mais a questão do gênero. Isso é preocupante porque a primazia do gênero pode encobrir e/ou negar outras desigualdades estruturais de raça, religião, classe e nacionalidade bem como as diferentes experiências culturais que afetam a vida das mulheres no geral e a das mulheres negras no particular, porque recortadas desse macrocosmo.

Neste ponto, Sandra Harding (1993, p. 22) apresenta-nos algumas questões pertinentes. Seu pressuposto básico parte do fato de que há indícios nas literaturas americana, africana e asiática do mesmo que as feministas ocidentais chamam de oposição feminino-masculino nas esferas éticas, ontológicas, epistemológicas, na personalidade e nas visões de mundo, baseados em suas experiências sócio-históricas. Logo, não seria o momento de haver também ciências e epistemologias dessas mesmas populações, já que fariam análises semelhantes às das teóricas da ciência feminista?

Insiste-se na experiência social da mulher como atuante político, mas de que mulher se está falando? Miriam Alves, que se reconhece pertencente a uma tradição literária afro-feminina brasileira, reitera que:

A militância feminista negra se distinguiu das bandeiras que impulsionaram o chamado movimento feminista brasileiro, pois para elas seriam outros os obstáculos a superar em oposição à mentalidade de muitas mulheres brancas para as quais o conceito da feminilidade estava relacionado à brancura e à pureza, as quais não contemplavam as mulheres negras que tinham (e têm) que se desvencilhar de uma variedade de estigmas que correlacionam a cor e a trajetória com inferioridade..." (ALVES, 2010, p. 61).

Todo esse complexo jogo de relações subalternas é ratificado pela hegemonia de uma visão de mundo ocidental, branca, burguesa, homofóbica e androcêntrica. Nesse sentido, cabe perguntar — com Harding e Alves — como as mulheres brancas ocidentais podem sustentar o discurso de igualdade e

legitimidade com outras mulheres se não aceitam ou levam em consideração o que outras culturas e outras mulheres têm a dizer? Harding denuncia:

As lutas internas raciais, sexuais e de classe, bem como as diferenças de nossas histórias culturais que define quem somos nós como seres sociais, impedem nossa união em torno de objetivos comuns. Somente a história poderá resolver ou dissipar esse problema, não os nossos esforços analíticos. Entretanto as feministas brancas, ocidentais, deveriam prestar mais atenção na necessidade de travar uma luta teórica e política mais ativa contra nosso próprio racismo, classismo e centrismo cultural, forças que mantêm a permanente dominação das mulheres em todo o mundo (1993, p. 24).

Essa reflexão reitera de modo perspicaz que a distribuição dos poderes é algo engendrado que varia no tempo e no espaço. É por isso que na literatura — à luz das revoluções sociais, econômicas, científicas e ideológicas —, vemos a representação de outras formas de opressão e de outro modo de se atentar para as circunstâncias que envolvem os textos escritos pelas mulheres negras.

Nesse sentido, não somente os sistemas de valores que sustentam a agenda feminista são postos em xeque, como também é preciso que se construa um novo critério de análise, sobre bases semióticas diferentes, no que concerne ao estudo dos textos/produções literárias escritas por mulheres negras, inserindo tais produções em uma cadeia discursiva que se apresenta deformada para gerar novas subjetividades em que "o texto se faz carne e corpo erótico, na medida de sua materialidade significativa" (BRANCO; BRANDÃO, 1995, p. 27). Em *Cena do Cotidiano*, Miriam Alves nos diz:

Quero correr em desafio
soltar meu corpo,
lamber sem sentido,
as verdades
as mentiras
não ditas
não ditas
Verdades escritas
que não posso entender. (1985, p. 24)

Estas verdades não ditas, mas implícitas, saltam as bordas da página em branco em deslizamento, isto é, em uma mudança de tratamento dado ao tema do feminino, pulverizando relatos pessoais e reais com histórias ficcionais, o que

anuncia a emergência de um quadro testemunhal nas produções literárias africanas e afro-brasileiras².

Como o que nos ocupa aqui é a questão do texto literário, a revisão do cânone coloca em evidência a existência de uma tradição literária feminina³ em que mulheres negras escreviam/escrevem e, o que pode ser tomado como uma política do feminino é, na verdade, uma política textual que se realiza no processo de uma nova escrita, a marcação de um tempo outro, de uma nova história. Atualiza-se, nos parâmetros do neocolonialismo, os usos e sentidos do termo Negritude de que falara Aimé Césaire, Léopold Senghor e Léon Damas, bem como emerge a figura do herói épico Zumbi, no poema de Lia Vieira, que se amalgama com o corpo feminino em um movimento de afirmação e libertação: *Meu Zumbi*:

De corpo suado
De olhos meigos e doces
De boca ardente...
Nenhuma paisagem se iguala
à visão que tenho de você
Explosão de raça em forma de ser
o que mais quero:
Entrelaçar nossas peles retintas
(...)
Tatuar-te em meu corpo
para ter a certeza de tê-lo
preso-colado-filtrado em mim
na própria pele
rasgando a epiderme
que nem laser apaga
que aos poucos me rasga
e se fixa e me marca
num uno indivisível. (VIEIRA, 1992)

O crescente aparecimento das vozes das mulheres negras na literatura contemporânea propagam um olhar que vem de dentro, recusando as omissões da sociedade brasileira que alardeia, ainda, a miscigenação como marca

² Para um estudo sobre a emergência de uma literatura de testemunho nos quadros das produções literárias africanas ler o Capítulo 2 - "Subjetividades contemporâneas ou escrita-testemunho" (VICTORINO, 2010).

³Vale ressaltar que não estamos falando de uma tradição literária feminina frente à hegemônica masculina. Isto seria cair na mesma querela: uma sucessão por outra. Não. Trata-se de marcar que mulheres negras escreviam/escrevem e, o que pode ser tomado como uma política do feminino é, na verdade, uma política textual que se realiza no processo de uma nova escrita, a marcação de um tempo outro, de uma nova história.

identitária sem considerar que no início, no meio e no fim do caminho têm pedras enormes.

As práticas discursivas que produzem diferenças sexuais e raciais articulam-se com questões de hegemonia e relações de poder sendo o corpo um "artefato de controle" (FOUCAULT, 1997, p. 28) que a poética negra-brasileira, feminina, desconstrói, porque esse corpo não mais se encena na entre-cena, porque não é mais possível ocultar. Diz Celinha em *Negritude*:

De mim
parte um conto guerreiro
um voo rasante, talvez rumo norte
caminho trilhado da cana-de-açúcar
ao trigo crescido, pingado de sangue
do corte do açoite. Suor escorrido
da briga do dia
que os ventos do sul e o tempo distante
não podem ocultar.
(...)
De mim
parte NEGRITUDE
um golpe mortal
negrura rasgando o ventre da noite
punhal golpeando o colo do dia
um punho mais forte que as fendas de aço
das portas trancadas
da casa da história. (2008, pp. 34-5)

A produção textual das mulheres negras apresenta um sujeito mulher que deixa a condição de objeto de representação na escrita do outro para se tornar, metonimicamente, sujeito e objeto de sua produção literária que entrecruza a escrita e outras dimensões de vivência, ou, mais precisamente, de uma "escre(vivência) de dupla face", na instigante caracterização de Conceição Evaristo (2007, p. 21), uma vez que tais produções denunciam "a representação literária da mulher negra ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor(...)" (idem). Na poética de Evaristo, as diferenças de gênero e a desigualdade são negociadas pela acumulação da experiência, como podemos perceber em *Eu-mulher*.

Uma gota de leite
me escorre entre os seios
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas

Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes - agora - o que há de vir.
Eu força-motriz
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo. (2008, p. 41)

O discurso colonial, como sabemos, estabeleceu "sistemas de administração e instrução" (BHABHA, 1998, p. 111), daí a força do significante *não* no jocoso poema de Cristiane Sobral, *Não vou lavar mais os pratos*:

Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito. Comecei a ler
(...)Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos
a estética dos traços, a ética
A estática
Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante
(...)
Considere que os tempos agora são outros...
(...)
Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira
(...)
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
(...)
Sempre chega o momento
De sacudir, de investir, de traduzir
Não lavo mais pratos
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
Em letras tamanho 18, espaço duplo
Aboli.
Não lavo mais os pratos.
(SOBRAL apud ALVES, pp. 101-2).

Nesse poema a negativa, a recusa, reescreve a ação feminina na lida diária de outro fazer. A leitura, o conhecimento, fora da tradição pequeno-burguesa, inaugura outra dinâmica na dualidade do público e do privado: a casa como aconchego e como espaço para a elaboração de projetos pessoais mais

autônomos, ressaltando a importância do trabalho intelectual para a promoção de mudanças e perspectivas, ironicamente expresso nos versos "Sinto muito. Comecei a ler".

Pode parecer lugar comum dizer que a liberdade está dentro de cada um/uma, no entanto, a colonização "invisível" penetra sub-repticiamente no discurso e molda as ações. O eu poético recorda o ato político da Lei Áurea que não alterou, como sabemos, as condições reais de vida da população negra, como mostra o advento da Lei 10639/03 e as políticas contemporâneas para a promoção da igualdade racial. São recorrentes na produção afrodescendente a denúncia da escravidão sob óticas diferentes (a manutenção da condição de negros/as e mestiços/as na habitação e no mercado de trabalho, por exemplo), a herança cultural africana, a diáspora e assunção de uma identidade negra, o que nos faz lembrar do poema de Esmeralda Ribeiro, *Dúvida*: "Se a margarida flor/é branca de fato/qual a cor da Margarida/que varre o asfalto?" (2008, p. 61).

Dos discursos feministas à prática efetiva, ocorreu um giro de cento e oitenta graus, isto porque a ligação entre a academia e a sociedade, propôs uma agitação intelectual, permitindo que se discutisse a constituição de um sujeito feminino e, nesse bojo, se problematizassem as questões da subjetividade e do cotidiano, a saber: o prazer, a experiência, o inconsciente, o afetivo e o autobiográfico.

Fiz-me poeta

Fiz-me poeta
por exigência da vida, das emoções, dos ideais, da raça.
Fiz-me poeta
sabendo que nem só se finge a dor que deveras sente
e crendo que através da poesia posso exprimir
a arte do cotidiano, vivida em cada poema marginal.
(VIEIRA Apud EVARISTO, 2007, p. 39)

Com efeito, é fundamental que questionemos as noções de linguagem, cultura, escrita e literatura ao falarmos do cânone, principalmente se é a diferença quem o interroga, com vistas a conhecer os elementos de sua sustentação e destecê-los (PADILHA, 2002, p. 67)⁴.

⁴ Num artigo importante em que tematiza essas questões e onde analisa o lugar ocupado pelas literaturas africanas de Língua Portuguesa, no caso presente o lugar ocupado pelas produções

Ensina-nos Roberto Reis que a cultura é um conjunto de sistemas simbólicos de códigos que prescrevem e limitam a conduta humana. Logo, como um conjunto de saberes textualizados, mediados pela linguagem, ela implica "mecanismos de cerceamento social", o que equivale a dizer que "no interior de qualquer formação cultural as camadas dirigentes se valem de diversas formas discursivas e as transformam em ideologia para assegurar o seu domínio" (1992, p. 66).

É fundamental reiterar que é preciso que se problematize o conceito de cultura para percebê-lo como discurso que constrói mundos e imagens, de nós mesmos e de outros, a fim de esgarçarmos o tecido da visão euro(andro)cêntrica do mundo.

É dentro desses parâmetros que interpelamos o cânone e mantemos com o texto literário uma relação dialógica ou, no dizer de Reis a quem mais uma vez se faz necessário voltar:

A indagação da literatura não deve, em suma, se resumir a pensar o que lemos, interpretando o livro ou o poema que temos diante de nós: é imperioso considerar quem lê e quem escreveu e em que circunstâncias históricas e sociais se deu o ato de leitura, sem deixar de ter em conta que tipos de textos são escritos e lidos e, neste último caso, por que leitores (1992, p. 74).

Delineiam-se, assim, os alicerces da cultura ocidental que são postos à prova: o racionalismo, o humanismo, o falocentrismo, o patriarcalismo, o etnocentrismo, o capitalismo, o colonialismo, o imperialismo, os mitos do Estado, a moral judaico-cristã, etc. (REIS, 1992, pp. 74-5), ratificando que é pelo nível histórico que devemos situar de que modo e em que circunstâncias se produz a dominação. A hierarquização que subjuga é um efeito de produção e o trabalho desconstrutivo dá-se pela via de tal reconhecimento. É em *Mahin Amanhã*, de Miriam Alves, onde vemos essa insurreição de gênero/raça, poder/saber:

Ouve-se nos cantos a conspiração
vozes baixas sussurram frases precisas
escorre nos becos a lâmina das adagas

femininas que emergem no bojo de uma revolução libertadora, Laura Cavalcante Padilha observa o seguinte com relação à interrogação do cânone: "Assim sendo, é fundamental interrogar o cânone para tentar ouvir a voz dos que foram compulsivamente nele silenciados pelos aparatos de dominação. No caso presente: o negro e a mulher. Quem sabe seja esta a única forma de se chegar à terceira margem, lá mesmo onde é possível ouvir-se o grito da diferença e, através dele, a fala dos excluídos dos rituais canônicos". (PADILHA, 2002, p. 67-68).

Navio Negreiro
Por força e comando
do ORIXÁ maior
mudou-se o rumo dos ventos
desenharam-se nuvens no céu
E o mar
foi colocado
em nossa direção. (CONCEIÇÃO, 2008, p. 43)

Referências

- ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Repensando África, Volume 7).
- _____. "Mahin Amanhã". In: **Cadernos Negros: os melhores poemas**. São Paulo: Quilombhoje, 2008.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRANCO, Lúcia Castelo, BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literaterras: as bordas do corpo literário**. São Paulo: Annablume, 1995.
- CELINHA. "Negritude". In: **Cadernos Negros: os melhores poemas**. São Paulo: Quilombhoje, 2008.
- CONCEIÇÃO, Sônia Fátima. "Navio Negreiro". In: EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
- EVARISTO, Conceição. "Eu-mulher". In: **Cadernos Negros: os melhores poemas**. São Paulo: Quilombhoje, 2008.
- _____. "Uma escre(vivência) de dupla face". In: **Literatura Negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1997).
- HARDING, Sandra. "A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista". In: **Estudos Feministas**. Ano 1, 1º semestre de 1993, p. 22.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: EDUFF, 1997.

REIS, Roberto. "Cânon". In: JOBIM, José Luis (org.) **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RIBEIRO, Esmeralda. "Dúvida". In: **Cadernos Negros**: os melhores poemas. São Paulo: Quilombhoje, 2008

RUFINO, Alzira. "Resgate". In: EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra R. G. Almeida; Marcos P. Feitosa; André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VIEIRA, Lia. "Meu Zumbi". In: QUILOMBHOJE. **Cadernos Negros 15**. São Paulo: Edição dos Autores, 1992. Disponível em:<<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em 27/06/14.

VICTORINO, Shirlei Campos. **Paulina Chiziane e Gioconda Belli**: vozes confluentes na geografia de uma guerra? Tese de Doutorado em Letras apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFF. Niterói, 2010, 197 fls.